

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NA BAGAGEM DOS IMIGRANTES: UMA TRAJETÓRIA NO BRASIL¹

ANARCHICAL EDUCATION IN THE BAGGAGE OF THE IMMIGRANTS: A TRAJECTORY IN BRAZIL

José Damiro de MORAES²

RESUMO

A Primeira República pode ser considerada rica em conflitos de idéias, que vão configurar-se na implementação do ideal republicano. Neste contexto, temos os anarquistas, que desenvolveram um combate à política republicana, no que diz respeito, por exemplo, a participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial, os empréstimos internacionais que aumentavam a dívida externa, o aumento da carestia, entre outros. Isso tudo dentro de uma postura totalmente voltada à transformação social e à construção de uma sociedade socialista libertária. Somado a essa preocupação, os anarquistas também buscaram desenvolver uma prática educativa. Nessa iniciativa criaram escolas, centros de cultura e ateneus, logo proibidos e fechados. A partir disso, mudaram a prática e o discurso voltado à educação, transferindo-os para os Centros de Cultura e Ateneus. Dentro desse período buscamos identificar, nesse movimento, uma trajetória educacional.

Palavras-chave: educação anarquista, centros culturais.

ABSTRACT

The First Republic may be considered rich on idea conflicts that will result on the settlements of the republican ideal. In this context we had the anarchists which were opposed to the republican politics such as Brazil involvement on I World War, International Loans, and the consequent grown of external deficit, among others. All this on a social change which bring the building of a libertarian society. One of theirs goal for social revolutions was the development of the educationnal practice. They build them schools, cultural centers and

⁽¹⁾ Esse artigo é baseado na dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação/Unicamp, intitulada "A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social" sob orientação da Profa. Dra. Olinda Maria Noronha.

⁽²⁾ Professor da Unicamp / FE e membro do grupo HISTDBR.

atheneus, soon forbidden and closed. In this period, we intend to identify on such movement the trajectory of their educational project.

Keywords: *anarchist education, cultural centers.*

Jornais e bibliotecas – o que todos devem ler

Essa pesquisa foi desenvolvida através de estudos de fontes primárias, jornais e revistas anarquistas produzidas na Primeira República, que se encontram no Arquivo Edgard Leuenroth na UNICAMP.

Nossa preocupação ao estudar esses documentos foi o de não generalizar as idéias anarquistas, buscando sempre conservar a diferenciação existente entre propostas coletivas e propostas individuais. Assim, procuramos manter a pluralidade que é característica do pensamento anarquista para não transformar o pensamento libertário em idéias minoritárias que existiam naquele momento histórico, como por exemplo, a questão de alguns militantes serem contra o futebol, bailes e festivais, atividades que o próprio movimento promovia.

Fugindo da generalização que ocorrem em algumas pesquisas quando abordam essas temáticas, veremos que a educação libertária assumiu várias formas de manifestações no Brasil. Podendo encontrar sua presença informal nos periódicos, que eram voltados tanto à informação das lutas operárias, quanto a amparar a alfabetização dos trabalhadores.

A vida desses periódicos está ligada à criação de um grupo de divulgação, com as finalidades de organização do proletariado; de denúncia de injustiças sociais; para mostrar uma visão histórica dentro de uma ótica dos trabalhadores (1º de maio, Comuna de Paris de 1871), sempre objetivando explicar, de forma pedagógica, a luta internacional contra o capital.

Um dos primeiros núcleos, que tinham esse objetivo, era formado por italianos e aparece em São Paulo, em 1891. Entre seus membros, estavam diretores de jornais, como o *L'Asino Umano* (1893-1894), que trazia como lema:

“Lavorare per vivere e non vivere per lavorare” (FELICI, 1994: 390-391).

Esse meio de comunicação será exaustivamente usado para a divulgação e organização do proletariado. As publicações, feitas em italiano e português, são distribuídas por várias cidades de São Paulo, bem como em outros estados e países (FELICI, 1994: 345).

Os periódicos são encontrados em centros de estudos, centros de cultura, ateneus, bibliotecas e sindicatos, cumprindo uma função de informar os acontecimentos e divulgar as idéias anarquistas. Notamos que os libertários tinham uma clareza quanto ao papel pedagógico que exerciam os jornais.

“A Plebe é um jornal que divulga os ideais de regeneração humana. Por todas as partes deste país, os trabalhadores acham-se na mais profunda ignorância de seu destino; mas agora reaparece este jornal, que lhe pode cultivar o cérebro com idéias novas, tornando-os homens livres, emancipados, aptos para lutar em defesa da liberdade e da justiça” (NOSSO JORNAL, 1927).

Os jornais não só serviram para prestar informações de classe, mas também levaram outros assuntos de interesse, como por exemplo, as normas ortográficas, visando assim, familiarizar o militante com a escrita de texto para boletins, periódicos e revistas, como por exemplo, a *“ortografia simplificada”* por Elysio de Carvalho (CARVALHO, 1904ab). Desta forma, desempenharam *“papel de destaque no processo de conscientização do proletariado e atuaram como centro de organização da classe”* (RAGO, 1985:153) cumprindo assim, uma importante função pedagógica.

São várias as referências, inclusive do início do século, sobre a criação de grupos com finalidades educativas, além da unificação de grupos que desejavam estabelecer uma biblioteca, *“na qual possam os deserdados estudar as verdadeiras causas do mal estar”* querendo estabelecer *“uma espécie de ensino mútuo, como meio de atrair a juventude que está tão corrompida”* (COMPANHEROS..., 1902).

Com a finalidade de desenvolver a educação nos meios operários, muitos grupos surgiram, como o Comitê de Relações dos Grupos Anarquistas de São Paulo, que em suas bases de acordo apresentava as seguintes preocupações:

“(...) 6º Procurará criar uma biblioteca circulante, a qual servirá para todos os camaradas e simpatizantes.

7º Formentará (sic) a criação de Ateneus e centros de estudos sociais, onde os militantes do anarquismo tenham amplo campo para seu trabalho de propaganda e de cultura social” (VIDA..., 1927).

Outro grupo que aparece nesse período, com um objetivo bem claro, é o Núcleo de Ação e Cultura Proletária, cuja intenção é atuar.

“...na obra de propaganda, procurando influir com a palavra, com a pena e com a ação revolucionária nos movimentos de organização proletária. Este grupo tem como finalidade, preparar militantes, educar e esclarecer o proletariado na sua finalidade revolucionária, fazendo, por meio das pequenas agrupações, o que o sindicato, pela sua base de luta não pode fazer, isto é: o preparo do trabalhador para a conquista da riqueza social, a sua habilitação técnica para a posse das fábricas, dos campos e oficinas, o seu preparo revolucionário para a obra de expropriação da burguesia. O seu fim não é absorver a vida do sindicato, mas completar a sua missão revolucionária” (NÚCLEO..., 1933).

Assim, dando seqüência a preocupação com a educação, foram criadas bibliotecas,

consideradas práticas de *“caráter sociológico e econômico”* (BASES..., 1918). Os recursos para a implantação provinham de vários eventos, como a realização de atividades em seu benefício, como: *“Festa social em benefício da biblioteca social com participação de várias associações, ligas, sociedades, grêmios e jornais operários”* (FESTA SOCIAL, 1906).

Vários grupos tinham como finalidade constituírem uma biblioteca, pedindo a solidariedade para o envio de materiais, como o *“Centro de Estudos Social Francisco Ferrer[que] pede à administração de jornais e revistas libertárias que enviem exemplares de cada número para sua sala de estudo”* (CENTRO..., 1912). Ou as bibliotecas ligadas aos sindicatos

“Em circular muito bem lançada, o sindicato dos ferroviários da companhia mogiana, com sede em Campinas, comunica estar trabalhando para o desenvolvimento de seu gabinete de leitura, criando uma biblioteca, para a qual solicita remessas de livros de todas a natureza, novos ou usados.

Aí fica o apelo ao qual nos associamos visto tratar-se de uma iniciativa que se destina à cultura proletária” (BIBLIOTECA..., 1935).

Esses espaços, mantidos pelos próprios trabalhadores, normalmente funcionavam no período noturno, facilitando assim o acesso aos interessados.

Nesse estudo, realizamos um levantamento quanto aos títulos dos livros que eram vendidos pelos jornais e revistas, permitindo uma idéia superficial de qual era a literatura que os operários e militantes tinham acesso nesses locais.

Entre os autores que encontramos na revista *A Vida*, temos Marx, Kropotkin, Nietzsche; os nacionais Neno Vasco, A. Cesar dos Santos, Adolfo Lima, entre outros; e ainda, folhetos de Kropotkin, Errico Malatesta; e as assinaturas dos jornais *A Lanterna* (anticlerical), *A Voz do Trabalhador* (Confederação Operária Brasileira),

La Propaganda Libertária (editado em italiano) (BIBLIOGRAFIA...,1914).

Já em *A Voz do Trabalhador* (05/03/1915) destacamos: Karl Marx – *O Capital*; Neno Vasco – *Da Porta da Europa*; Peter Kropotkin – *A Conquista do Pão*; F. Nietzsche – *Assim Falava Zarathustra e Genealogia da Moral*; Errico Malatesta – *Programa Socialista Anarquista Revolucionário*; Adolfo Lima – *O Ensino da História* (1 vol. de 63 pág.), *Educação e Ensino* (Educação Integral); Flamarion – *Iniciação Astronômica*; Darzens – *Iniciação Química*; Laisant – *Iniciação Matemática*; Brucker – *Iniciação Zoológica, e Iniciação Botânica*; Guillaume – *Iniciação Mecânica*; Jacquinet – *História Universal*; entre outros. A lista é extensa, com mais de 34 títulos, sem contar os jornais brasileiros e europeus que anunciavam seus respectivos valores avulsos e assinaturas anuais.

Também encontramos a indicação de uma *Bibliografia brasileira sobre a questão social*, trazendo informações e publicações como

“Dr. Mauricio de Medeiros: O Ensino Racionalista. Conferência realizada em maio de 1910 e mandada publicar pela Associação Escola Moderna. 1 folheto de 24 páginas. Estabelecimento Gráfico F. Borgonovo, rua do Lavradio 91, Rio de Janeiro, 1910” (LEITURAS...,1915).

Desta forma, além de “autores consagrados” também temos folhetos confeccionados a partir de palestras e conferências que poderiam contribuir para a formação intelectual do trabalhador.

A Escola: prática de educar para a liberdade

As escolas começaram a surgir em 1895, sendo a primeira delas a “Escola União Operária”, no Rio Grande do Sul, talvez surgida com ex-integrantes da Colônia Cecília (RODRIGUES,

1992, p. 48), já que a data é próxima da desarticulação pelas forças republicanas dessa experiência. Outras surgiram pelo Brasil, podemos citar, por exemplo, Escola Eliseu Reclus, em Porto Alegre (1906), Escola Germinal (Ceará), Escola da União Operária de Franca, Escola da Liga Operária de Sorocaba (1911), Escola Operária 1º de Maio no Rio de Janeiro (1912), Escola Moderna em Petrópolis (1913), (RODRIGUES, 1992, p. 51-52) e as Escolas Modernas n.1 e n.2 em São Paulo (1912), sobre as quais voltaremos a tratar mais adiante.

Em manifesto de fundação de uma escola pela Liga Operária de Campinas, há a seguinte exposição

“A escola não deve ser um lugar de tortura física ou moral para as crianças, mas um lugar de prazer e de recreio, onde elas se sintam bem, onde o ensino lhes seja oferecido como uma diversão, procurando aproveitar a sua natureza irrequieta e alegre, as suas faculdades e sentimentos falando mais ao olhar do que ao ouvido, dedicando-se mais a inteligência do que à memória, esforçando-se por desenvolver harmônica e integralmente os seus órgãos. A experiência, a observação direta, a recreação instrutiva serão muito mais favorecidas pelo professor que compreende a sua missão, do que as longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido” (DOCUMENTO 1...,1992, p.53-54).

A iniciativa de criação de escolas vai tomando corpo e recebendo destaque nos Congressos Operários (1906 e 1913) e, após o fuzilamento de Francisco Ferrer³, foi criado, em 17 de novembro de 1909, em São Paulo, o Comitê pró Escola Moderna, com o objetivo de criar escolas baseadas no racionalismo, orientado pelo seguinte programa:

⁽³⁾ O espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) pode ser colocado entre os que conseguiram desenvolver uma prática que acabou se espalhando pelo mundo, inclusive no Brasil. Além das suas idéias pedagógicas e a simpatia que conquistou do movimento anarquista, seu nome foi motivo de uma campanha internacional contra sua prisão e, posteriormente, seu fuzilamento, em 13 de outubro de 1909, na Espanha.

"1) Instalação de uma casa editorial de livros escolares e obras destinadas ao ensino e à educação racionalista e que, conforme os casos, serão cedidos gratuitamente ou vendidos a preços reduzidos;

2) Aquisição de um prédio para implantar na cidade de São Paulo o "núcleo modelo da Escola Moderna";

3) Procurar professores idôneos para dirigir a Escola;

4) Avaliar aquelas que no interior do Estado poderão surgir, baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer" (RODRIGUES, 1972, p. 50).

A concretização de seu objetivo foi a fundação das Escolas Modernas nº 1 e nº 2

"Cientificamos às famílias que se acha instalado no prédio da rua Muller 74, a Escola Moderna nº 2, criada sob o auspício do Comitê pró Escola Moderna.

Esta escola servir-se-á do método indutivo, demonstrativo e objetivo, e baseia-se na experimentação, nas afirmações científica e racionadas, para que os alunos tenham idéias claras do que se lhes quer ensinar.

(...) Na tarefa de educação tratar-se-á de estabelecer relações permanentes entre a família e a escola, para facilitar a obra dos pais e dos professores. Os meios para criar estas relações serão as reuniões em pequenos festivais, nos quais se recitará, se cantará, e se realizarão exposições periódicas dos trabalhos dos alunos: entre os alunos e professores haverá palestras a propósito de várias matérias, onde os pais conhecerão os progressos alcançados pelos alunos. S. Paulo, 16 de agosto de 1913. A Diretoria" (O ENSINO..., 1914).

A metodologia de ensino buscava formar um Novo Homem para intervir e construir a

sociedade futura, para isso era necessário um conteúdo que abrangesse

"...o conhecimento da História dos oprimidos. Uma História marginalizada pelas classes dominantes, mas que os anarquistas procuravam manter viva, na memória das crianças e da comunidade em geral, através de festas, conferências, etc. A recuperação das lutas do despossuídos, caracterizou o ensino de História, por eles proporcionado, como algo novo no Brasil. E isto, apesar de transmitirem uma visão de história impregnada de propaganda.

O contato com explicações científicas (não religiosas) para os fenômenos da natureza. Isto porque os anarquistas entendiam que a religião escravizava os homens, enquanto a ciência poderia libertá-los" (JOMINI, 1990: 122).

Para atingir os objetivos pedagógicos das Escolas Modernas foi criado o jornal "O Início", escrito e dirigido pelos alunos com a finalidade de divulgar seus trabalhos e fornecer informações das atividades sociais, algumas para a manutenção da obra. Os assuntos abordavam questões diversas, passando por cartas de alunos para seus amigos, crítica à 1ª Guerra Mundial e datas ligadas à comemorações do movimento operário (LUIZETTO, 1986: 37).

O envolvimento da família foi sempre um objetivo das escolas libertárias, buscando "atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução" (ESCOLA..., 1914).

Nesse sentido, a prática de ensino estava relacionada às questões do cotidiano das famílias dos alunos e dos trabalhadores, ou seja, do universo proletário. Um dos temas que sempre aparece nos jornais é o Primeiro de Maio, na década de 10 relacionado com a Primeira Guerra Mundial

"Assim terminou a manifestação contra a guerra no Primeiro de maio. A noite efetuou-se uma reunião de propaganda

na Escola Moderna nº 1, assistindo os alunos e as famílias dos mesmos em franca familiaridade (sic).

Começou a reunião com uma conferência o professor João Penteado, que bastante agradou à concorrência.

Em seguida houve recitação de poesia e canto de vários hinos pelas crianças” (DAPaulicéia...,1915).

Toda essa iniciativa ficou comprometida após a explosão de uma casa, na rua João Boemer, em São Paulo, em que morreram 4 militantes anarquistas, no momento em que manipulavam material explosivo. Entre os mortos, estava o diretor da Escola Moderna de São Caetano, José Alves.

Por causa desse fato, é emitido um ofício do diretor geral de instrução, Oscar Thompson, que determina o fechamento das Escolas Modernas nº 1 e nº 2, alegando que não cumpriam o artigo 30 da Lei 1579, de 10 de dezembro de 1917, que fixava as normas gerais para o estabelecimento de ensino particular. No ofício, encontrava-se também, o poderoso argumento que a Escola Moderna nº 1 visava “a propagação de idéias anárquicas e a implantação de regime comunista” e, mesmo com o recurso de João Penteado, a escola não foi reaberta e nem autorizada (LUIZETTO, 1986: 44-45).

O fechamento das escolas não está única e exclusivamente ligado ao acontecido na rua João Boemer, mas

“...serviram para precipitar o seu fechamento, pois o seu futuro achava-se seriamente comprometido desde meados da segunda década do século, assim como o das demais iniciativas do gênero. Nesta ocasião, verificou-se uma sensível alteração das relações entre Estado e a Educação, com prejuízo evidente para as atividades educacionais do movimento anarquista. As condições propícias para o funcionamento de estabelecimentos do

tipo da Escola Moderna nº 1, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, dependiam de dois fatores interligados: o grau do interesse do Estado pela educação e, conseqüentemente, a extensão do controle que aquele exercia sobre esta” (LUIZETTO, 1986: 45).

Essa informação pode ser relacionada ao interesse, despertado pela intelectualidade do período, que visava acabar com o analfabetismo por meio de vários movimentos, como por exemplo, o “otimismo pedagógico” o “entusiasmo pela educação”, sem esquecer o escolanovismo que desembocará no “Manifesto dos pioneiros pela educação nova”⁴.

Apesar da repressão e do fechamento dessas iniciativas, podemos notar que, o princípio de criação de escolas e do ensino continua presente na prática anarquista. Isso pôde ser acompanhado nos anúncios de rodapé, que aparecem nos jornais

“Escola Nova - João Penteado abre curso a noite comercial (sic) e de línguas habilitando alunos para funções de guarda livros, chefe de contabilidade de empresas comerciais e estabelecimentos bancários, peritos judiciais, etc...” (ESCOLA NOVA, 1921a).

Posteriormente, apareceram notas em jornais que anunciaram que a Escola Nova, na direção de João Penteado, estava funcionando, “autorizada pelo diretor de Instrução Pública” (ESCOLA NOVA, 1921ab). Além dos cursos anteriormente citados, voltou-se a oferecer o “curso primário, [e] mantém também um curso comercial, [e] aulas especiais de francês e inglês” (ESCOLA, 1921).

Principalmente pela falta de documentação que comprove a existência prolongada dessas escolas na década de 20, não conseguimos constatar se elas conseguiram sobreviver por muito tempo.

⁴ “Otimismo pedagógico”, “Entusiasmo pela educação” e “Escolanovismo” podem ser conferido em NAGLE, 1972.

Centros de Cultura: o fim da linha?

Os Centros de Cultura estiveram presentes em todos os períodos estudados, sendo muitas vezes animadores da criação de escolas. Com o fechamento das escolas, os centros de cultura tornaram-se referência para a educação libertária, além de servirem para congregar os anarquistas em tempo de repressão.

As finalidades dos Centros de Estudos Sociais ou de Cultura eram de *"promover a instrução entre associados e propagar as idéias libertárias"* (FERNANDEZ, 1905) além da dedicação *"a propaganda doutrinária, por meio de bibliotecas, conferências, palestras, folhetos, etc"* (AÇÃO..., 1913).

Essa educação informal pode ser acompanhada nos periódicos libertários e de sindicatos, em forma de anúncios de conferências expostos nos jornais das associações, como por exemplo, o da Associação dos Gráficos, mostrados a seguir:

"Luiz, sobre a necessidade de organização.

José Palma, sobre o efeito do alcoolismo.⁵

B. Marconde, sobre o egoísmo.

J. Tranquillino, sobre os 3 inimigos do operário.

Fernando Nitche, necessidade da associação.

Raul Caldas, sobre a necessidade de organização de um partido operário.

J. C. Rucillo, sobre a Internacional" (CONFERÊNCIA..., 1906).

Os centros de estudos tinham uma vida ativa, com várias promoções, às vezes abrigando em seu interior uma escola, como o Centro de Estudos Sociais Jovens Libertários, na Barra Funda, São Paulo, que dividia as atividades na semana da seguinte forma: *"Segunda, Quarta e Sexta para a escola, Terças e Quintas destinadas para a leitura, Sábado à*

discussão, e Domingo reservado para as conferências" (CENTRO..., 1903).

Outro aspecto pedagógico eram as atividades educativas, que aconteciam nos Centros de Cultura Social e se davam por meio de conferências que, às vezes, abordavam assuntos específicos, de acordo com a preocupação dos anarquistas no momento; e, em outras vezes, tinham como objetivos informar e transmitir a história da luta dos trabalhadores, como na comemoração de datas: o 1º de Maio e a Comuna de Paris, de 1871, por exemplo. Como complemento dessas atividades, aconteciam também *"cursos primários, profissionais de corte e costura, desenho geométrico, artísticos..."* (RODRIGUES, 1984: 141), além do ensino de música e de teatro social.

Nessa ânsia de ensinar, foram criados centros de estudos sociais, que orientavam a formação dos trabalhadores para atuarem como militantes, por meio de cursos de oratória e de produção de texto para jornais operários.

Contudo, após o fechamento das escolas, em 1919, a repressão ao movimento anarquista se intensificam com deportações para região inóspitas e para fora do país, as atividades libertárias irão diminuir na década de 20, reaparecendo por volta de 1927 com o fim do governo de Artur Bernardes.

Não podendo mais criar escolas, as atividades libertárias, desse período, ficaram centradas na Federação Operária de São Paulo (FOSP), reorganizada em 1931 e no Centro de Cultura Social, fundado em janeiro de 1933, *"com esse nome e com o intuito de divulgar entre o povo e os trabalhadores os conhecimentos das modernas concepções sociais, científicas e filosóficas"* (CENTRO..., 1933) e também no Ateneu de Estudos Científicos e Sociais fundado em 1934.

Assim, o Centro de Cultura Social foi fundado com o objetivo de

⁵ Existia uma preocupação dos anarquistas em combater os vícios entre os trabalhadores sendo o alcoolismo tratado como tema no Primeiro Congresso Operário, em 1906, no qual aconselhava uma propaganda através de conferências, folhetos e cartazes. Pode ser conferido em RODRIGUES, 1979, p.110-111.

“...difundir a cultura nos meios populares, o Centro de Cultura Social prossegue no desenvolvimento de sua fecunda atividade despertando cada vez mais interesses principalmente entre os trabalhadores.

Além das conferências sobre as questões que se relacionam com o problema social, vem agora realizando sessões de debates, que tem o duplo resultado de ventilar assuntos úteis para o desenvolvimento da cultura popular e generalizar o hábito de discutir em público com serenidade e espírito de tolerância mútua”(CENTRO..., 1934b).

E, por sua vez, o Ateneu de Estudos Científicos e Sociais, com a finalidade de

“...permitir o estudo dos problemas humanos com absoluta independência de credo político, sociais ou filosóficos, a margem do partidário político e das paixões religiosas.

O interesse por esse problema levou ao salão dos Contadores um bom número de pessoas que haviam sido convidadas, notando-se vários estudantes das escolas superiores, intelectuais e operários.

(...) Deu-se, então, por fundado o Ateneu de Estudos Científicos e Sociais que tem por fim promover conferências, leituras comentadas e editar uma revista de caráter científico, crítico e filosófico”(ATENEU..., 1934).

Com uma perspectiva de organização e recuperação da projeção que o anarquismo havia gozado nos anos anteriores, o movimento contava, então, com frentes, uma sindical, a FOSP, e outras no campo educacional, que eram o Centro de Cultura Social e o Ateneu de Estudos Científicos e Sociais.

O Centro de Cultura era amplamente divulgado nos periódicos, valorizando sua existência *“cuja obra de esclarecimento e de cultura vem sendo realizada com grande interesse de todos os que estudam os problemas sociais”* (CONFERÊNCIA, 1933) pois, esta *“simpática*

agremiação que desenvolve a sua atividade em incrementar a cultura principalmente entre os elementos populares, continua a realizar as suas utilíssimas sessões semanais” (CENTRO..., 1934a).

Essas entidades buscaram aglutinar também um núcleo de militantes libertários para responder a conjuntura do período que apresentava transformações na relação do Estado com os movimentos sociais, além da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a Revolução de Trinta, o poder da Igreja e setores conservadores dentro da Constituinte de 1934, entre outros.

Entre as várias temáticas que identificamos destacamos o combate ao fascismo, em sua vertente nacional, o Integralismo. Em 1933, o Centro de Cultura convida *“todos os homens amantes da liberdade”* para comparecer a um comício anti-integralista, no salão Celso Garcia (COMÍCIO..., 1933).

Também são noticiadas conferências de Florentino de Carvalho, Flávio Carvalho, José Oiticica, J. Carlos Boscolo, tratando de temas como: Arte Moderna, concepção de Estado, regime soviético, a obra de Ferrer, entre outras.

Claro que acontecem também bailes *“até a madrugada”* (CENTRO..., 1933), festival com *“jaz-band”* (sic) (CENTRO..., 1933), *“tômbola em benefício da revolução espanhola”* (CENTRO..., 1935), a realização de festivais em prol dos jornais (*A Plebe* e *A Lanterna*) em parques públicos, como o Jabaquara e o Cantareira, contando com *“almoço campestre, recitativos, palestras, cantos e músicas, jogos recreativos e outros divertimentos; hinos, declamações e poesias”* (CENTRO..., 1935). As pessoas interessadas eram convidadas a retirar, nas sedes da FOSP ou do Jornal *A Plebe*, um “convite”, que daria o direito a concorrer a um prêmio no dia.

A partir de fevereiro, de 1935, não encontramos mais notícias do Centro de Cultura, provavelmente por razões ligadas à repressão maior da polícia. Com o golpe do Estado Novo em 1937, desaparecem os jornais e o Centro é fechado, voltando a funcionar apenas após 1945.

São essas as frentes de propaganda e de resistências, que o movimento anarquista contava na década de trinta, que representavam espaços para o convívio social entre militantes e não militantes, nos quais aconteciam, além da divulgação dos ideais de uma nova sociedade (socialista libertária), um local para encontros e organizações de atividade dos grupos libertários.

Uma trajetória de idéias e de ação

Como podemos acompanhar no desenvolvimento desse estudo, as principais obras libertárias estão impregnadas de um alto teor pedagógico, contudo, marcadas por um forte viés dogmático, mostram-se, por outro lado, extremamente ricos em informações daquilo que tentamos identificar como uma trajetória educativa anarquista.

O dogmatismo libertário, presente nas iniciativas ácratas, pode ser relacionado com a "vontade" dos militantes anarquistas de realizar a transformação social, isso aparece em Errico Malatesta, militante anarquista italiano, que influenciou muitos anarquistas no Brasil, quando diz:

"Acreditamos igualmente que a revolução é um ato de vontade – vontade dos indivíduos, vontade das massas; que ela exige, para ter sucesso, certas condições objetivas, mas que não acontece necessariamente, fatalmente, unicamente a partir de fatores econômicos e políticos" (MALATESTA, 1989: 26).

Assim, para esse anarquista, "o mais importante não é o que um governo pode ser ou fazer: é o que nós devemos fazer. E nossa conduta deve evidentemente inspirar-se nos nossos objetivos" (MALATESTA, 1989: 48). Esses objetivos para os libertários sempre entendidos como a destruição do Estado e o nascer da *Alba Rosa*.

Com essa visão crítica, os libertários não acreditavam na neutralidade em nenhum campo,

inclusive no educacional. Francisco Ferrer é um dos exemplos contra a neutralidade da educação, colocando-a sempre como ato político. O mesmo se reflete no Brasil, nas práticas e na defesa de uma escola livre do Estado e da Igreja, visando, em suas entrelinhas, uma sociedade socialista. Concepção defendida, por exemplo, por militantes como Florentino de Carvalho, Adelino de Pinho e João Penteado todos diretores e fundadores de escolas.

Assim, com essa orientação, vão executando suas obras educacionais dentro dos sindicatos, na fundação de bibliotecas, dos centros de estudos, dos centros de cultura, dos ateneus, das escolas, e na imensa circulação de periódicos, que trazem no interior de suas páginas, a divulgação de livros, tudo voltado para a formação do militante e do Novo Homem.

Posteriormente, com a impossibilidade de manterem em funcionamento as escolas, devido a repressão do final da década de 10, os anarquistas vão buscar implementar seu ideal pedagógico em torno dos centros de cultura e ateneus, com o objetivo, além de complementar a educação dos trabalhadores, de criar um vínculo com a militância operária.

Nos centros de cultura e ateneus, o desenvolvimento do ideal educativo opera no sentido de instrumentalizar o trabalhador para a militância, por meio de leituras comentadas (normalmente por um militante mais antigo), conferências sobre temas do cotidiano do trabalhador ou das lutas internacionais contra o capital.

Dentro dessa perspectiva do nosso estudo, em linhas gerais, podemos identificar três movimentos ou fases, que acreditamos ser uma trajetória: a **primeira**, entre os anos de 1895 a 1909; a **segunda**, entre 1909 a 1919, com o funcionamento das escolas, já com a diretriz do pensamento de Francisco Ferrer e alguns centros de estudos; e finalmente, a **terceira**, entre 1927 a 1937, em que apenas os centros de estudos e ateneus, tornaram-se as únicas referências que trabalharam com a educação.

Para identificar uma trajetória nesse período, temos que esclarecer alguns critérios que utilizamos e que nos orientaram e possibilitaram a construção de fases.

A primeira fase (1895-1909) que identificamos, estava mais ligada a um espontaneísmo libertário, buscando alfabetizar, cada vez mais, um grande número de trabalhadores, com a preocupação de fortalecer o movimento operário, que começava a nascer no Brasil. Esse momento fica claro quando estudamos os jornais deste período e as moções relacionadas à educação, que davam destaque a importância da criação de escolas, no Primeiro Congresso Operário, em 1906.

A fase seguinte, inicia-se por volta de 1909, quando aconteceu o processo e execução de Francisco Ferrer, na Espanha, terminando mais ou menos em 1919, com o fechamento das escolas. Podemos considerá-la como a mais rica, pois foi acompanhada de um arcabouço teórico e prático, no caso o racionalismo, que propunha uma didática e uma metodologia, auxiliado por uma vasta produção literária sobre a educação.

Entre essa fase e a última temos um vazio, causado por uma série de fatores, entre eles destacaremos um, que foi a repressão sofrida pelo movimento operário e, dentro deste, a repressão aos anarquistas. Esse período compreende os anos de 1919 a 1927.

Nesse período, que caracterizamos como um vazio, para poder desenvolver a prática educativa, após o fechamento das escolas (principalmente a Moderna n.1 e n.2), os anarquistas ainda tentam criar cursos, como os de contabilidade, datilografia, línguas (francês e Inglês), buscando desenvolver um trabalho pedagógico, sempre dentro dos princípios racionalistas.

E finalmente, a terceira e última fase, de 1927 a 1937, já no cair dos panos da Primeira República, que mostrou uma decadência da influência do movimento libertário de modo geral, tanto no meio sindical como no cultural.

Quando foram retomadas, as práticas educativas ficaram limitadas aos centros de cultura e ateneus. Assim, o sonho de construir escolas, nesse momento, deixa de existir, ficando restrito à preocupação de combater as influências da Igreja e do Estado nas escolas públicas.

Assim apresentado, podemos dizer que: os anarquistas, dentro de suas preocupações com a educação, descrevem uma trajetória, de acordo com a situação política do momento vivido. Assim, na Primeira República, partiram dos centros de estudos e escolas, em um primeiro momento, para reafirmar as escolas, segundo uma metodologia mais acabada e consistente, logo depois. Por fim, retornando a uma proposta mais abrangente de educação informal nos centros de cultura e ateneus.

Nesses espaços criados, aconteceu a politização e conseqüentemente, a educação dos trabalhadores por seus companheiros de classe (através do ensino mútuo e das leituras comentadas), utilizando jornais, boletins, revistas; além das conferências, palestras e da alfabetização propriamente dita.

Bibliografia

- AÇÃO Libertária no Rio. *La Bataglia*. São Paulo, 10 de maio 1913.
- ATENEU de Estudos Sociais. *A Lanterna*. São Paulo, 20 de set. 1934.
- BASES de acordo da União dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. *O Libertário*, Rio de Janeiro, primeira quinzena de abr. 1918.
- BIBLIOGRAFIA brasileira sobre a questão social. *A Vida*, Rio de Janeiro, 31 de dez. 1914, p. 13.
- BIBLIOTECA operária. *A Plebe*, São Paulo, 23 de fev. 1935.
- CARVALHO, Elysio de. Ortografia simplificada. *O Amigo do Povo*. São Paulo, 17 de set. 1904 a.

- CARVALHO, Elycio de. Ortografia simplificada. *O Amigo do Povo*. São Paulo, 29 de nov. 1904B.
- CENTRO de Cultura Social. *A Lanterna*, São Paulo, 01 de fev. 1934a.
- CENTRO de Cultura Social. *A Plebe*, São Paulo, 22 de fev. 1934b.
- CENTRO de Cultura Social. FESTIVAL. *A Lanterna*, São Paulo, 17 de ago. 1933.
- CENTRO de Cultura Social. FESTIVAL. *A Lanterna*, São Paulo, 26 de jan. 1935
- CENTRO de Cultura Social. *A Plebe*, São Paulo, 14 de jan. 1933.
- CENTRO de Estudos Sociais Francisco Ferrer. *Guerra Social*, São Paulo, 10 de abr. 1912.
- CENTRO de Estudos Sociais jovens libertários (na Barra Funda). *Amigo do Povo*, São Paulo, 25 de jul. 1903.
- COMÍCIO anti integralista - CENTRO de Cultura Social. *A Lanterna*. São Paulo, 09 de nov. 1933.
- COMPAÑEROS de "Germinal" salud. *Germinal*. São Paulo, 10 de fev. 1902.
- CONFERÊNCIA na sede da associação. *O Trabalhador Gráfico*. São Paulo, fev. 1906.
- DA Paulicéia proletária – a agitação contra a guerra – a comemoração do primeiro de maio – movimento de organização operária. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, 08 de jun. 1915.
- DOCUMENTO 1, uma escola livre. In: Rodrigues, Edgar. *Quem tem medo do anarquismo?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- ENSINO Racionalista em São Paulo, O – Escola moderna nº 2. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, 01 de fev. 1914.
- ESCOLA Moderna nº 1. *A Lanterna*. São Paulo, 10 de out. 1914.
- ESCOLA NOVA. *A Vanguarda*. São Paulo, 23 de jun. 1921a.
- ESCOLA NOVA. *A Vanguarda*. São Paulo, 02 de jul. 1921b.
- ESCOLA. *A Plebe*. São Paulo, 26 de mar. 1921.
- FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920*. Tese de doutorado - Universite de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.
- FERNANDEZ, Evaristo R. Centro de estudos sociais. *O Livre Pensador*. São Paulo, 09 de dez. 1905.
- FESTA Social. *O Trabalhador Gráfico*. São Paulo, fev. 1906.
- JOMINI, Regina C.M. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas, Pontes, 1990.
- LEITURAS que recomendamos – o que todos devem ler. *A Vida*. Rio de Janeiro, 31 de jan. 1915.
- LUIZETTO, Flávio V. *O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna nº 1 (1912-1919)*. In: Educação e sociedade. Revista quadrimestral. São Paulo: Cortez editora e CEDES, ano 8, n. 24, 1986, p. 18-47.
- MALATESTA, Errico. *Anarquista, socialistas e comunistas*. São Paulo: Cortez, 1989.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Edusp, 1972.
- NOSSO jornal. *A Plebe*: São Paulo, 12 de fev. 1927.
- NÚCLEO de Ação e Cultura Proletária. *A Plebe*: São Paulo, 29 de abr. 1933.
- RAGO, Luzia M. *Do cabaré ao lar. a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, Edgar. *Alvorada operária: os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições mundo livre, 1979.

RODRIGUES, Edgar. *Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo & cultura social. 1913-1922*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.

RODRIGUES, Edgar. *Quem tem medo do anarquismo?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

VIDA Libertária: Bases de acordo do comitê de relações dos grupos anarquistas de São Paulo. *A Plebe*. São Paulo, 12 de mar. 1927.